

O SIGNIFICADO DE GNOSIS

G.R.S. Mead

Até bem recentemente o estudo do Gnosticismo era tratado exclusivamente como um departamento de heresiologia ou, na melhor hipótese, como história da Igreja primitiva.

O termo tem sido geralmente adotado para denominar um amplo movimento herético - em formas muito variadas, mas de uma tendência característica - exclusivamente dentro das fronteiras do Cristianismo nascente e em desenvolvimento. Nos últimos anos, porém, foi demonstrado, por diferentes linhas de pesquisas convergentes (2), que a noção de Gnosis, em seus elementos essenciais, era amplamente difundida antes do aparecimento do Cristianismo, principalmente entre os cultos dos Mistérios helênicos e das comunidades místicas, ou nas formas de religião pessoal em que elementos orientais e gregos eram misturados. Movimentos desta natureza, guardando como tesouro uma Gnosis interior, continuaram a existir em paralelo, mas inteiramente independentes da Igreja em crescimento nos três primeiros séculos.

O Gnosticismo, então, não mais deveria ser considerado simplesmente como o nome de um ramo dentro da Igreja nascente. A Gnosis foi um fenômeno religioso muito mais amplamente difundido e deveria ser tratado como um elemento característico da história geral da religião. O que foi anteriormente chamado de Gnosticismo é visto, dessa forma, como sendo apenas um departamento, ainda que um departamento importante, da história da Gnosis. Seria preferível que fosse referido como a Gnosis cristianizada, ou como a Gnosis cristã, sendo que este último termo pode ser reservado especialmente para as opiniões de Clemente de Alexandria ou de Orígenes.

Como um todo, o Gnosticismo deve entrar para a história geral da religião, pois, mesmo sem irmos bem mais longe, em direção ao oriente, e sem acompanharmos o assunto além dos primeiros três séculos de nossa era, como poderíamos fazer, podemos indicar movimentos semelhantes nas religiões egípcias, frígias, judias, cristãs e, voltando ainda mais, nas doutrinas persas e nas coletâneas de tradições astronômicas dos caldeus ou babilônicos mais recentes, com sua riqueza de mitologia e teologia astrais.

Então, o que é, em essência, o Gnosticismo? Qual é o mais característico significado de Gnosis? Até então, na maior parte dos casos, tem sido dada uma interpretação arbitrária para estes termos, baseada, na melhor das hipóteses, em julgamentos subjetivos de valor. Tem sido dito: Gnosis significa conhecimento. Portanto, os Gnósticos são, no máximo, filósofos religiosos. O que não se enquadra nesta definição tem sido rejeitado como não pertinente ao Gnosticismo.

Porém, a palavra 'Gnosis' havia se tornado, há muito tempo, um termo técnico e seu significado deve ser estabelecido a partir de sua utilização naquela época. Longe de

significar filosofia, no sentido atual (3) em que geralmente usamos esta palavra, ou mesmo filosofia religiosa, na verdade denotava o oposto disto. Ou seja, para usar a definição de Reitzenstein:

"Conhecimento imediato dos Mistérios de Deus, recebido por meio de relacionamento direto com a Deidade ... Mistérios que devem permanecer ocultos ao homem natural, um conhecimento que exercita, ao mesmo tempo, uma reação decidida em nosso relacionamento com Deus e também com nossa própria natureza ou disposição."

Os grupos e sistemas diferem entre si, e diferem muito. Entretanto, a concepção geral de Gnosis permanece a mesma. Ela é baseada fundamentalmente na revelação ou visão apocalíptica. Esta revelação, porém, tinha essencialmente mais um sentido vital do que uma natureza formal, pois havia uma grande liberdade de adaptação e interpretação do simbolismo formal.

Assim, verificamos que no Gnosticismo característico cada discípulo pode sempre fazer complementações e transformações dos ensinamentos de seu mestre, de forma que refinadas noções populares primitivas, juntamente com as visões fantasiosas mais pessoais, permeiam estes ensinamentos, da mesma maneira como as crenças dos Mistérios orientais e as concepções mágicas mudam de roupagem com a filosofia grega.

Antes de lidar em mais detalhe com o significado de Gnosis em seus aspectos mais elevados, fora dos limites da cristandade, pode ser útil resumir o que Liechtenhan (4) tem a dizer de seu significado entre seus partidários dentro das fronteiras do Cristianismo. Ele menciona que, por Gnosis, usualmente compreendemos conhecimento especulativo, no sentido de uma explicação correta do mundo - em resumo, filosofia.

É verdade que a busca dos Gnósticos era, essencialmente, também uma tentativa de explicação dos processos do mundo. Porém, tal explicação não era uma interpretação a ser descoberta simplesmente por si mesmos. Eles não a procuravam usando o seu intelecto sem ajuda, mas por meio de competentes revelações de natureza religiosa. De forma alguma eles se estabeleceram como filósofos em contraste com os 'piedosos' (5) - eles também eram piedosos, religiosos. Apenas que, em geral, procuravam sua religião em combinação com o conhecimento dos processos do mundo, no sentido da "gnosis sobre quem éramos e no que nos tornamos; onde estávamos e onde viemos parar; para onde nos dirigimos e onde somos redimidos; o que é a geração, e o que é a regeneração", como formulam os *Extratos de Theodotus*, publicados por Clemente de Alexandria (6).

Portanto, o objeto de suas buscas era não somente a Gnosis do mundo, mas também a Gnosis da salvação, como, de fato, fica manifesto abundantemente, por todos os lados, tanto dentro como fora da cristandade.

Eles, continua Liechtenhan, não querem filosofia além da religião, ou paralela a ela; sua única busca era a religião em sua perfeição ou consumação. Isto significava para eles o emprego da mente espiritual nos assuntos mais elevados correspondentes a ela, sua ocupação com o âmago espiritual e a fonte da realidade, da atualidade, com o puro, o eterno, o ilimitado. A característica desta religião era que seus seguidores não esperavam entrar em comunhão com o mais elevado somente pelo esforço moral e pela fé em Deus,

mas também por meio do pensamento, conhecimento, imaginação, sentimento. E era precisamente na Gnosis que eles viam a função mais elevada da religião.

Porém, devemos ficar de prontidão contra a interpretação do pensamento como sendo puramente o intelecto raciocinador. Pois, se os Gnósticos se posicionaram contra o mundo, não como filósofos, mas no duplo sentido de serem conhecedores e espirituais, devemos nos perguntar se, como o assunto do mundo espiritual é a Gnosis, o órgão deste modo de conhecer é precisamente o espírito. Se, além disso, o próprio espírito, como uma substância ou essência do mundo imaterial, é o órgão para a compreensão daquele mundo, então sua função característica de Gnosis não é nada mais do que a compreensão das coisas daquele mundo supra-sensível. E, finalmente, se este mundo invisível é inacessível para nós em nosso estado natural normal e só pode se abrir a nós pela revelação, então o conhecimento espiritual ou Gnosis tem como objetivo nada mais do que a revelação.

Segue daí que a posse da Gnosis significa a habilidade para receber e compreender a revelação. O verdadeiro Gnóstico é aquele que conhece a revelação interior ou oculta desvelada e que também compreende a revelação exterior ou pública velada. Ele não é alguém que descobriu a verdade a seu respeito por meio de sua própria desamparada reflexão, mas alguém para quem as manifestações do mundo interior são mostradas e tornaram-se inteligíveis.

Resumindo, o que Liechtenhan considera, e com razão, como a principal característica da Gnosis cristianizada é a revelação. É verdade que a Gnosis, para a maioria, é igual à revelação; mas o objeto desta revelação não é simplesmente o mundo espiritual, interior, invisível, imaterial ou supra-sensível. Isto, como veremos, é o começo e não o fim da Gnosis, quer seja cristianizada ou não.

Antes do Cristianismo, bem como durante o desenvolvimento da igreja dos primeiros três séculos, a idéia da Gnosis, como já foi dito, estava bem disseminada. Esta principal característica de religião oriental influenciou fortemente não só as religiões helenísticas diretamente e o mundo grego indiretamente, mas também o pensamento geral do ocidente nos primeiros séculos do Império Romano. Escrevendo sobre a influência das religiões orientais no paganismo romano, Cumont nos diz:

"De forma geral, havia a convicção persistente de que a redenção e a salvação dependiam da revelação de certas verdades, do conhecimento dos deuses, do mundo e de nossa própria personalidade; a religiosidade tornou-se Gnosis."

Porém, para descobrir o que Gnosis significava para os seus melhores partidários no mundo não-cristão, devemos voltar aos escritos dos antigos místicos e deixá-los falarem por si mesmos. A Gnosis é necessariamente Gnosis de algo - mas do que? É idêntica a resposta dada tanto pela grandiosa literatura trismegística como pelos populares Papiros de Magia, bem como, de fato, pela maioria de nossas fontes: definitivamente ela é a Gnosis de Deus.

Gnosis não é conhecimento intelectual. Na verdade, é concebida como poder ou virtude. Neste particular pode ser relevante notar que um de seus sinônimos é fé, como este termo é usado na teologia helenista. Assim, na inscrição do místico frígio Aberkios, lemos (V.12): "A fé foi sempre meu guia e em todos os momentos proporcionou sustento".

Também o místico de Ísis, Apuleio, nos diz que, após sua segunda iniciação, ele estava 'pleno de fé' e "constante no serviço divino e na verdadeira religião" (XI. 28).

Os Papiros de Magia personificam a fé e se referem ao 'Círculo da Verdade e da Fé', aparentemente sendo igualado com a famosa 'Planície da Verdade' de Platão, que tipifica o estado espiritual - tal como é explicado, realmente, tanto pelos hermetistas como por Plotino, num sentido que possibilita compará-la ao terceiro céu de Paulo. De acordo com a escola trismegística, a fé é a compreensão ou percepção espiritual; é a virtude ou poder da mente espiritual, que, dizem, encontra seu suporte na 'reta fé' (7) da Gnosis.

De fato, também na Gnosis cristianizada, antes da escola de Valentino, fé e Gnosis parecem ter sido termos sinônimos. Mais tarde, porém, uma nítida distinção foi demarcada entre elas devido à controvérsia teológica.

Se na literatura trismegística, ou tradição do Três-vezes-grande Hermes, a Gnosis é chamada a 'Religião da Mente', a Mente deve ser compreendida como a Mente Divina ou Espírito. Pois, na mesma tradição, a Gnosis é também referida como o 'único amor de Deus', a 'verdadeira filosofia' ou 'amor à sabedoria', o que também abarca, é verdade, a ciência da natureza e do homem, como na maior 'parte das formas de elevado misticismo. Porém, esta sabedoria também é caracterizada como 'adoração', ainda que não no sentido de um culto externo, mas como uma devoção interior ou louvação ao espírito. 'Devoção é Gnosis de Deus' (8), pois "as sementes de Deus, é verdade, são poucas, porém vastas, corretas e boas são a virtude e o autocontrole, a devoção" (*Corpus Hermeticum* (9), IX. 4).

A Mente Divina é também chamada o Pastor de Homens, o Poimandres, e também Amor Divino (*Sermão Perfeito* (10), I). Para sermos conhecedores devemos ser amantes, devemos ter "o amor único, o amor à sabedoria-amorosa, que consiste na Gnosis da Divindade unicamente - a prática da contemplação perpétua e da piedade sagrada" (*Sermão Perfeito*, XII). A Gnosis da Mente é de uma natureza espiritual, pois é operada pelo princípio espiritual no homem: "Esta é, meu filho, a Gnosis da Mente, a visão das coisas divinas; ela é a Gnosis de Deus, pois a Mente é de Deus" (*C. H.*, IV. 6).

No hermetismo, Gnosis é a mais elevada, ou melhor, a síntese das sete virtudes ou poderes espirituais. As sete virtudes são referidas como: Gnosis, contentamento, autocontrole (temperança), moderação, retidão, comunhão com tudo e verdade. Mais além destas vêm a tríade de Vida, Luz e Bem, completando o dez, ou número 'perfeito' (*C. H.*, XII. 8-9).

O 'fim' ou 'perfeição' de toda esta disciplina era 'conhecer a Deus', que é essencialmente Aquele 'que quer ser conhecido e é conhecido pelos Seus', Gnosis não é conhecimento a respeito de alguma coisa, mas contato direto ou comunhão, o conhecimento de, no sentido de familiaridade imediata com a divindade. E, dessa forma, na louvação que apropriadamente conclui *O Tratado Sobre a Perfeição*, lemos:

"Damos graças a Ti, Ó Ser Mais Elevado, pois por Tua graça recebemos a luz da Gnosis. Ó Nome inefável, em lugar do qual, em nossa adoração, usamos a apelação 'Deus' e, em nosso agradecimento dirigimo-nos como 'Pai', pois Tu demonstrastes a todos nós - homens e mulheres - uma boa vontade paternal, afeição, amor e, numa atitude extremamente doce, por benevolência, nos dotastes de mente, razão e Gnosis - mente para

que possamos conhecer-Te, razão para que possamos estimar o Teu valor e Gnosis para que ao Te reconhecer possamos nos regozijar.

"Tornados inteiros por Ti, agora nos regozijamos que Tu Te mostrastes inteiramente a nós, regozijamo-nos que Tu, pela visão de Ti mesmo, tornaste-nos deuses apesar de ainda no corpo. Conhecer a Tua grandeza é, para o homem, a bem-aventurança que leva a Deus. Alcançamos a Gnosis de Ti, Ó Luz, luz sensível somente à inteligência; a Gnosis de Ti, Ó Vida, vida de toda a vida humana; a Gnosis de Ti, Ó Útero fecundo. de todos (que são renascidos); a Gnosis de Ti, Ó Tu eterna Permanência daquela fecundidade inerente à geração da paternidade.

"Por este motivo, em nossa adoração a Ti, não ansiamos por nenhuma outra recompensa de Tua bondade, a não ser que Tu condescendas a nos manter constantemente na Gnosis de Ti mesmo, quando tiveres orado para não nos permitir cair desta vida elevada de santidade."

É bastante evidente nestas passagens que Gnosis é uma dádiva, uma graça do espírito; por isso, ainda que a dádiva seja de Deus, a sua luz poderia ser passada adiante, pois o espírito vive para doar. "Preencha-me com Teu poder e com esta Tua graça, para que eu possa dar a luz aos que vivem na ignorância" (C. H., I. 32) - assim reza o suplicante por Gnosis.

Também é evidente que a mente é a mente espiritual intuitiva, a contraparte humana daquela Mente ou Mônada (11) Divina na qual devemos ser mergulhados ou batizados, de acordo com a doutrina do tratado chamado *The Cup (O Cálice)*, e que a concepção inteira de Gnosis é devida à religião e não à filosofia. A salvação pela Gnosis é tornar-se inteiro, é um completar-se ou preencher-se espiritualmente, da natureza da apotheosis ou theiosis, isto é, da transfiguração da vida de separação para a vida divina auto-suficiente.

Na literatura trismegística, 'aqueles que estão em Gnosis' são contrastados com os homens do mundo, pelos quais dizem que são "ridicularizados, odiados e até mesmo levados à morte" (C. H., IX. 4). Porém, em todas essas tribulações, os que são piedosos são sustentados pela sua consciência da Gnosis. Não só isso, mas para a pessoa que está realmente 'na Gnosis':

... "todas as coisas, ainda que sejam ruins para os outros, são boas para ele; e mais, cada intriga contra si ele traduz para o plano da Gnosis e somente ele transmuta todos os males em benefícios." (C.H., IX. 4)

Dizem que esta consciência espiritual é iniciada por uma iluminação, geralmente ocorrendo em uma visão, mas de uma natureza viva e inteligível. O iluminador é o Logos, a Luz de Deus, tanto para nossos 'suplicantes trismegísticos', como para os terapeutas de Philo (12), ou suplicantes, como também ele os chamava. Por exemplo, encontramos esse místico e platonista judeu alexandrino escrevendo:

"Pois o Senhor é a minha Luz e o meu Salvador', como é cantado nos hinos [ou seja, nos salmos]. Ele não só é luz, mas o arquétipo de todas as outras luzes; na verdade, bem mais antigo e sublime que o modelo arquétipo [de todas as luzes], já que este último é a Sua Palavra (Lagos). Pois o modelo universal é a Sua Palavra plena, a Luz, enquanto Ele mesmo é como nada para as coisas criadas." (De Som., §13).

A iluminação é um preenchimento, uma conclusão, uma plenitude (*pleroma*), como a frase de Filon sugere acima: 'sua Palavra plena'. E assim exclama o autor do Poimandres:

"Tu nos preenchestes, Ó Pai, com a visão do bem e do reto; com um tal espetáculo que o olho de minha mente ficou inteiramente tomado de reverência." (C.H., X. 4)

E, dessa forma, também no tratado sobre o renascimento, o suplicante ora: "E agora me preencha com as coisas que faltam em mim". (C. H., XIII. 1)

A visão do Bem, na forma da Beleza da Luz Imortal, sobrevem, inicialmente, em arrebatamento, enlevo ou êxtase do senso corporal. Para absorver profundamente a visão, o homem do mundo deve estar totalmente sereno.

"Pois tu poderás vê-la quando não puderes dizer nenhuma palavra a seu respeito. Porque a Gnosis e a visão do Bem é o silêncio sagrado, dando descanso a todos os sentidos. Pois aquele que a percebe não pode perceber nada mais, nem tampouco aquele que a contempla pode ter visão de nada mais, ou ouvir qualquer outra coisa, ou mover qualquer parte de seu corpo. Desligado de qualquer sentido ou movimento de seu corpo, ele permanece imóvel."

"Então, banhando toda a sua mente em luz [o batismo místico], essa ilumina também toda a sua alma, eleva-a através do corpo e transmuta tu do em si no ser essencial. Pois é impossível, meu filho, que a alma possa ser tornada divina pela visão da Beleza de Deus quando ainda no corpo de um homem; ela deve ser separada do seu corpo e transformada, tornando-se divina." (C.H.,X.5, 6). (13)

De acordo com a crença dos místicos, a Gnosis era acionada por meio de uma transformação essencial ou transmutação, levando a uma transfiguração. Primeiramente, havia uma 'passagem através de si mesmo', uma morte mística e, 'finalmente, um renascimento na natureza do ser espiritual de um deus.

Sem dúvida, nos círculos internos dos místicos, o principal interesse era nesta apoteose ou transfiguração efetuada por meio da Gnosis ou da visão de Deus. Acreditava-se que a alma humana separada era transmutada numa natureza ou essência que era espiritual (14) ou angélica. Muitas passagens poderiam ser citadas de numerosas tradições para ilustrar esta idéia central, porém considerações de espaço nos restringem a uma única citação de Philo, que escreve em sua Vida de Moisés (III. 39):

"Ele (Moisés) estava prestes a navegar para o céu e, abandonando a vida da morte, para ser transformado na vida imortal; pois ele tinha sido chamado por Deus, o Pai, que o estava transformando de uma diáda, alma e corpo, na natureza da mônada que transcende todos os elementos, restaurando-o num todo através da totalidade na mente mais gloriosa como o sol."

Os *illuminati* (15) poimandristas ou trismegísticos, se referem precisamente à mesma coisa quando dizem:

"É pela transmutação em daemons [ou seja, espíritos ou anjos] que as almas possuem a fonte da imortalidade e, assim, dançam outra vez no coral dos deuses (ou

juntam-se à dança do coral dos deuses)" "e esta é a mais perfeita glória da alma." (C.H., XIII. 7)

Tudo isso estava relacionado à doutrina da união espiritual ou 'casamento sagrado', como era chamado - um assunto que demandaria por si só um artigo para apresentar simplesmente um esboço - e a transformação efetuada desta forma era considerada como o nascimento de uma nova criatura. Era essa transmutação substancial num ser espiritual que tornava possível a Gnosis, conferindo o poder de visão divina por meio do senso unitário da inteligência. A nova consciência era concebida como resultado da impregnação do ser interior, assim diziam eles, pelos raios, emanções, eflúvios ou influências do esplendor divino. Num sentido ético, essas sementes eram, como já vimos, virtude, autocontrole, devoção e, em geral, o conjunto das virtudes.

O 'final feliz' daqueles que colocavam seus pés na senda da Gnosis era, portanto, "tornarem-se deuses" (C. H., I. 26). Este 'fim' ou 'aperfeiçoamento' é um termo técnico dos mistérios, o *locus classicus* que Reitzenstein já encontra firmemente estabelecido no Banquete de Platão (210 E):

"Aquele que foi instruído até este ponto nos Mistérios do Amor, pela sucessiva reta contemplação de coisas belas, se for até o derradeiro 'final' desta iniciação, terá a visão de uma Beleza cuja natureza maravilhosa (ou seja, Beleza absoluta, simples e duradoura, que sem diminuir e sem aumentar e sem qualquer mudança, é concedida à beleza mutável de todas as coisas). Aquele que ascender além destas belezas e, sob a influência do verdadeiro Amor, começar a ter a visão daquela Beleza, quase chegou ao 'fim'". (211 B)

O fim supremo ou perfeição é a união com o Bem ou com Deus. O começo é a visão do processo da criação, de como o mundo vem à existência. Tais visões podem parecer bastante fúteis para as mentes modernas imersas na pesquisa física, para quem as noções cosmológicas da antigüidade, sem exceção, são tidas como sonhos de criança.

No entanto, deve ser lembrado que esses místicos acreditavam que a própria substância de seu ser devia ser transmutada ou 'tornada cósmica' e que, conseqüentemente, ela tinha que passar por estágios de reforma semelhantes aos estados pelos quais eles imaginavam que a matéria do mundo, ou a alma do mundo, havia passado em sua formação ou ato de tornar-se. E que aquilo que estava se passando neles lhes era mostrado em visão, como uma projeção na tela cósmica, como se fora a formação de um mundo. O interesse deles na cosmogonia era, portanto, pessoal. Conforme suas noções, tinha de haver uma 'formação de acordo com a substância', antes que a 'formação de acordo com a Gnosis' pudesse ocorrer. Por isso, verificamos que, no primeiro tratado do *Corpus Hermeticum*, no famoso documento *Poimandres* ou *Pastor de Homens*, a exigência do iniciante era:

"Gostaria de aprender a respeito das coisas existentes e compreender sua natureza [ou seja, a origem e desenvolvimento do mundo] e de conhecer a Deus." (C.H., I. 3)

E após ter sido mostrada a visão da ordem do mundo e do processo do mundo, o Iniciador, a Mente Divina, informa ao contemplado: "Foi-te ensinada a natureza do universo, sim, a maior visão" (*ibid.* 27).

Perceber a natureza do mundo, no entanto, não é o fim, mas o começo da senda de perfeição; e é bem natural, pois esta tem a ver com inícios e não com finais. Isto é visto

muito claramente na assim chamada liturgia de Mitra, em que o 'corpo perfeito' tem primeiramente que ser 'formado' de elementos puros, antes que os místicos possam ascender à visão.

Porém, se falamos de inícios com relação ao processo universal, não devemos nos esquecer que estes são somente inícios para nós e não da própria realidade, que não tem princípio nem fim. Isto é admiravelmente indicado na tradição de Trismegisto, a seguir:

"Pois para o Bem não há outra margem, não há limites, ele não tem fim e, por si mesmo, também não tem princípio, ainda que para nós pareça ter um - a Gnosis". "Portanto, para ele a Gnosis não é o começo, porém ela permite a nós o primeiro princípio a ser conhecido." (C.H., IV. 8,9)

A visão da natureza do mundo é geralmente referida simbolicamente como a contemplação do típico imaginário *Makroanthropos* ou Homem Cósmico, de quem o homem era tido como sendo essencialmente uma imagem.

"Se tu O vistes através das coisas que passam pela morte, tanto na terra como na profundidade, pensas a respeito de um homem sendo fabricado num útero, meu filho, escrutinizes estritamente a arte Daquele que o fabricou e aprendas quem fabricou esta justa e boa imagem do Homem." (C.H., V. 6)

Esta doutrina do começo e do fim da Gnosis é bem indicada na famosa fórmula do *Documento Naasseno* (16) cristianizado, citado por Hipólito (17): "O início da Perfeição é a Gnosis do Homem, porém a Gnosis de Deus é a Perfeição aperfeiçoada."

Aperfeiçoamento é um termo técnico para o desenvolvimento na Gnosis, sendo o Gnóstico realizado conhecido como o 'perfeito'. O início, ou a iniciação nesta supra-consciência, era dito como sendo dado numa visão cósmica do Homem Celestial, isto é, não do Supremo como absoluto, mas do Corpo Universal; somente o fim ou consumação era a união com a Deidade.

Porém, a visão do que o mundo é somente podia ser desfrutada se o iniciante já se tivesse purificado para ter, dentro dele, como se fora um núcleo de elementos puros para começar ou iniciar a formação de seu novo 'corpo perfeito', como é tão bem descrito na assim chamada liturgia de Mitra. Após isto, segue-se simplesmente o 'reconhecimento de si mesmo como imune à morte' ou imortal, de acordo com a afirmação trismegística: "Aquele que sabe que retornou a Deus".

Neste particular pode ser de interesse citar, do capítulo que conclui o grande trabalho de Hipólito contra os Gnósticos, uma passagem negligenciada que mostra como o Pai da Igreja, apesar de detestar seus ensinamentos gerais, foi fortemente influenciado por esta doutrina central da Gnosis. Em seu "Epílogo", enquanto estabelecia o que chamou de a 'Doutrina da Verdade' contrastada com o que considerava como as 'Doutrinas do Erro', Hipólito escreve: .

"E terás teu corpo imortal e livre de toda corrupção juntamente com tua alma ...; te unirás com Deus ... Pois agora te tornastes um deus ... E todas as coisas que assistem a Deus, estas Deus prometeu conferir a ti; pois te tornastes deus, nasceste imortal. Isto significa 'Conheça-te a ti mesmo' - conhecendo Aquele que te tornou num deus."

Quanto a este corpo imortal ou espiritual, a crença geral de todos os místicos era a de que no corpo humano havia, por assim dizer, a potencialidade de um corpo cósmico, um corpo de totalidade. Por isso, numa das preces dos mistérios trismegísticos, encontramos a petição: "O tudo em nós, Ó Vida, torne-o íntegro; Ó Luz, ilumine-o; Ó Deus, inspire-o" (C.H., XIII. 19).

Esse 'tudo' é o novo corpo imortal, o corpo da ressurreição. Vida, Luz e Deus são a Alma, a Mente e o Espírito Divinos que devem completá-lo na Gnosis. A expansão da Gnosis deve operar uma transformação no ser - vivificação, iluminação, inspiração. Deus, como Espírito, transmuta-nos em espírito; como Luz, Ele nos glorifica, irradia-nos para que nos tornemos gloriosos; e, como Vida, confere-nos imortalidade. A consumação deve ser uma totalidade ou ser eônico de esplendor imortal espiritual.

Ainda que seja verdade que exista algo de uma natureza absoluta a respeito desta 'luz da Gnosis', pois ela é essencialmente espiritual e imediata, a Gnosis também é freqüentemente descrita como uma 'senda', uma 'ascensão' gradual. Em suas concepções mais elevadas, no entanto, esta senda não é uma 'jornada celestial' psíquica; ao contrário, é um caminho espiritual imediato que se abre em qualquer aspecto da vida. Não é necessário 'deixar o mundo' para encontrá-lo, exceto no sentido de jogar fora de nós o 'supremo vício' ou 'o maior mal' que, em contraste com a suprema virtude da Gnosis, é chamado de ignorância de Deus, no sentido de uma força positiva de negligência proposital do divino. É uma questão de 'arrependimento', mas no sentido espiritual de um voltar de toda a natureza, isto é, de toda a vontade ser colocada em direção ao Bem.

"Porém, para ser capaz de conhecer o Bem: desejar, aspirar, é um caminho direto à senda do próprio Bem, levando facilmente até lá. Se tu simplesmente colocares teu pé neste caminho, ele te encontrará em toda parte, será visto em toda parte, onde e quando não o esperares - acordado, dormindo, navegando, viajando, de noite, de dia, falando ou nada dizendo. Pois não há nada que não seja a imagem do Bem." (C. H., XI. 21).

Este caminho de retorno é simbolizado indiferentemente como uma senda, uma viagem, ou a subida de uma montanha. Que a Gnosis era essencialmente religiosa ou espiritual e não intelectual, já foi plenamente estabelecido, mas pode ser confirmado com autoridade pela seguinte declaração categórica com referência à visão do Belo e do Bem: "Só há uma forma que leva a ele: devoção juntamente com Gnosis" (C.H., VI. 5).

A entrada na senda da Gnosis é chamada 'voltar para casa'. Como vimos, é um retorno, um virar as costas ao mundo, um arrependimento de toda natureza: "Devemos nos voltar para o velho, velho caminho" (C.H., IV. 9).

Ingressar na Gnosis é um despertar do sono e da ignorância de Deus, da embriaguez do mundo para a temperança virtuosa.

"Pois o mal [ilusão] do não conhecimento está inundando toda a terra e trazendo total ruína à alma aprisionada dentro do corpo, impedindo-a de navegar para os portos da salvação." (C.H., XII. 1)

A única salvação é a Gnosis - Gnosis de Deus, pois:

"Deus não ignora o homem; ao contrário, Ele o conhece inteiramente e Sua vontade é que Ele [por Sua vez] seja bem conhecido [pelo homem]. Este é o único meio de segurança para o homem - sua Gnosis de seu Deus. Este é o Caminho que leva ao alto da Montanha (Olimpo). E é somente por esta [ascensão] que a alma do homem torna-se boa." (C. H., X. 15)

A subida da montanha é a ascensão (anodos, anabasis) da alma à altura da contemplação, ou o seu mergulho em sua natureza espiritual. É o caminho de subida, bem como do retorno.

Observada do ponto de vista humano, a Gnosis é o 'teste da devoção' (C.H., X. 19), a 'virtude da alma' e também o 'fim da ciência' (C.H., X. 9). Diz-se que aquele que 'conhece a si mesmo' é "bom e piedoso e ainda na terra é divino" (C. H., X. 9). No entanto, considerado do ponto de vista soteriológico (18), ou em relação à teoria da salvação, a senda não surge a partir da própria pessoa, mas pela descida do Salvador, tanto nas formas de Gnosis pré-cristãs como nas formas cristianizadas. Desse modo, na conclusão do bem referido hino Naasseno, baseado em material pagão e oriental, Jesus é descrito como dizendo (19):

"Com braços em minhas mãos descerei; ao longo de todos os eons do universo eu construirei um caminho; revelarei todos os mistérios e manifestarei as formas que os deuses apresentam. Aos segredos da sagrada senda darei o nome de Gnosis e os transmitirei."

A ascensão para o alto da montanha é mencionada diversas vezes, como o é por quase todo o misticismo e não deve ser atribuída à lenda de Moisés; ela é puramente pagã. Por isso, Juliano (20) diz que Hermes, como guia ou instrutor místico, encontra-se com os místicos na base da montanha, enquanto nos Papiros de Magia (*Pap. Lug., V.*) lemos: "Sou aquele a quem tu encontrastes no sopé do monte sagrado". E no tratado trismegístico chamado de *O Sermão Secreto na Montanha*, a senda probatória é chamada a 'subida da montanha' (C. H., XIII. 1), no topo da qual ocorrem a transfiguração e a visão. Nos mesmos sermões iniciáticos, em outra passagem, o neófito é exortado:

"Procura um guia para levar-te aos portais da Gnosis, onde brilha a clara luz, isenta de toda escuridão, onde nem uma única alma está embriagada, mas todas estão sóbrias, acordadas de seu sono embriagado, com os olhos do coração fixos Nele que quer ser visto" (C.H., VII. 2).

Isto é descrito de forma ainda mais elegante na passagem:

"Porém, no caso da alma piedosa a Mente, na verdade, a eleva e guia para a luz da Gnosis. E esta alma nunca se cansa de cantar louvores a Deus, de verter bênçãos a todos os homens e de fazer o bem em palavras e ações para todos, imitando o seu pai." (C. H., X. 21)

Portanto, o conhecimento de Deus é um conhecimento ou 'visão' com os 'olhos do coração'. Tais olhos são chamados 'espirituais', 'abençoados', 'imortais'. Os olhos do corpo não são os órgãos da visão verdadeira, como lamentam as almas quando inicialmente encarceradas no corpo: "Janelas estas são - não olhos!" O corpo é o 'véu da ignorância', o

'invólucro da escuridão', o 'envoltório da personalidade', pois: "Nenhum ouvido pode ouvi-lo, nem o olho pode vê-lo, mas só a mente e o coração" (C.H.,VII. 2).

O conhecimento Gnóstico é a intuição da mente verdadeira ou espiritual, a apreensão imediata ou a clara percepção da realidade viva. Ainda que geralmente referido metaforicamente como olhar, visão ou contemplação, porque a vista é o mais aguçado dos sentidos diferenciados, é, preferivelmente, percepção instantânea (21); na verdade, é chamado o sentido único, o sentido simples, o sentido unitário, o 'sentido da inteligência'. É tato ou contato espiritual, um tornar-se imediato, um estado além do sujeito e objeto, assim como Platino o descreve, um único sentido sintético, para o qual ele também usa o termo técnico de tato ou toque.

"Só a intuição vê o imanifestado, visto que ela mesma é imanifestada. Se és capaz [de percebê-lo], manifestado será aos olhos de tua mente... Ilimitada é a natureza generosa do Senhor; ela se manifesta por todo o mundo. Tu podes conhecê-la - não podes vê-la, tomá-la em tuas próprias mãos e observar a imagem de Deus." (C.H., V. 3)

Aqui a mente ou coração, como foi chamada, é o ser espiritual ou mônada do homem, como para os sufis maometanos e a maioria dos místicos elevados. Não é a denominada mente-cérebro ou mesmo o intelecto raciocinador. Seu conhecimento ou visão é de uma natureza imediata. É a imagem de Deus no homem e é por meio dela que a imagem de Deus no universo ou a Beleza da Vida é contemplada. Este conhecimento é chamado o 'poder da visão divina', que não é ver mas um tornar-se, como pode ser exemplificado num dos Extratos Herméticos preservados por John Stobaeus (Ek. I, XXI. 9):

"Aquele que não ignora estas coisas, pode conhecer a Deus no sentido acurado do termo; na verdade, se a pessoa ousar dizer isso, pode vê-Lo tornando-se a própria coisa que vê e vendo torna-se então imortal"

A Gnosis, além disso, confere liberdade, soberania, realeza. O reino da Gnosis é, assim, estabelecido em contraste com o reino do destino ou do mundo sensível e, portanto, é concebido como a ordem supra-sensível ou imaterial, o mundo da liberdade espiritual contrastado com o mundo mecânico de causa e efeito. A Gnosis torna livre. A mente espiritual é livre, pois:

"Senhor de todas as coisas é a Mente, a Alma de Deus; sim, Senhor do destino e da lei e de todas as coisas também. Nada é impossível para Ela, nem elevar uma alma humana acima do controle do destino, nem colocar abaixo da influência do destino uma alma que a tenha negligenciado." (C. H., XII. 9)

Por isso, Zózimo, o hermetista e alquimista (22), no final do século III d.C., citando escritos trismegísticos que não mais existem, fala-nos que o Três-vezes-grande Hermes refere-se aos homens naturais - isso é, aos 'psíquicos', como eram chamados, ou aqueles que ainda eram incapazes de contatar conscientemente, em si mesmos, o imaterial ou espiritual - como os 'sem mente' e joguetes, brinquedos ou cortejos do destino. No entanto, aqueles que têm a mente espiritual ativa são chamados de filósofos ou aqueles que amam a sabedoria; eles são superiores ao destino e reis de si mesmos, porque se conhecem da forma Gnóstica. Assim, também em *O Sermão Perfeito* (XI!), somos informados de que a Gnosis e a Filosofia são idênticas, no sentido de amor à sabedoria, pois lemos da "filosofia que

consiste somente em conhecer a divindade - uma visão amiúde renovada, o culto da santidade".

Algumas pessoas argumentam que a Gnosis era principalmente mágica, sendo seu significado característico essencialmente o conhecimento de fórmulas mágicas; e é verdade que, em algumas das tradições, encontramos, no meio do material, uma riqueza de tais fórmulas - sons místicos, permutações de vogais e combinações (talvez para serem consideradas, às vezes, como uma notação musical esquecida), o detritus antigo e, portanto, sagrado, línguas e o resto. Mas isso certamente não pode ser dito de um bom número das principais escolas e, muito menos, da tradição trismegística. Realmente, do tratado perdido Sobre o Portal Interior, Zózimo cita Hermes declarando:

"O homem espiritual, o homem que conhece a si mesmo, não deve realizar coisa alguma por meio da mágica, nem mesmo se acreditar que a coisa é boa; tampouco deveria forçar o destino, mas aceitar o seu curso natural. Ele deveria seguir adiante, buscando somente o seu próprio ser e, ao alcançar a Gnosis da divindade, deveria obter os 'três' que não têm nome na terra e deixar o destino levar a cabo sua vontade em sua própria argila - isto é, sobre o corpo. E, se ele compreender isso desta forma e assim organizar sua vida, deverá obter a visão do Filho de Deus, tornando-se todas as coisas por causa das almas santas, para que possa retirar cada alma da região do destino, para o reino em que ela é livre do corpo."

Os 'três' ou 'tríada' são presumivelmente Luz, Vida e o Bem, como já vimos anteriormente. O Filho de Deus é a Mente, o Pastor de Homens, o Guia Divino para a Luz, que ilumina a mente de cada alma, assim mantendo-a elevada, ou tornando-a livre do destino. Como alcançar a Gnosis denota a idéia de liberdade e salvação, assim também sugere a noção de poder, de conquista e de controle. A posse da Gnosis, portanto, confere 'autoridade', um termo intercambiável com 'poder' num sentido Gnóstico.

Abundantes evidências adicionais poderiam ser adiantadas, mas já foi dado o suficiente para demonstrar que a idéia fundamental da Gnosis é a transmutação num ser espiritual e isso é fundamentalmente uma idéia religiosa oriental, a antípoda da filosofia em seu significado moderno comum visto como a elaboração de um sistema intelectual. A Gnosis é, portanto, acompanhada de visão e revelação no sentido que as citações anteriores já deveriam ter tornado claro. Além disso, seria fácil demonstrar que estas são também as características gerais da Gnosis nos sistemas cristianizados, mas isso iria demandar um estudo separado. Basta citar aqui um único pronunciamento de um pequeno fragmento pouco conhecido de um apocalipse Valentiniano preservado por Epifânio (XXXI. 5):

"Saudações da Mente que nunca se cansa, para mentes que nada pode faze-las cansar! Agora despertarei em vocês novamente a memória dos mistérios acima dos próprios céus, os mistérios para os quais nenhum nome pode ser dado, os quais nenhuma língua pode expressar - os mistérios que nenhuma soberania ou autoridade, que nenhum sujeito ou natureza mista tem poder para compreender, mas que foram tornados simples para a compreensão da consciência que está acima de toda mudança."

As indicações anteriores do significado de Gnosis nas formas mais elevadas do misticismo helenístico podem ser de interesse para um público mais geral do que para o pequeno número dos que já estão inteirados do assunto. Existe atualmente uma renovação

de interesse em assuntos místicos e foram publicados recentemente livros tratando da experiência religiosa desta natureza. Porém, na maior parte das vezes, a investigação é devotada quase que exclusivamente ao misticismo cristão medieval e mais recente. A riqueza da literatura mística oriental é praticamente ignorada, enquanto sobre as tradições ocidentais fora da Igreja, além de uma referência ou outra a Plotino, praticamente não ouvimos nada dos muitos movimentos místicos dos tempos antigos, que são, pelo menos alguns deles, de grande interesse e importância (23).

Notas

1 O título original deste capítulo é "The Meaning of Gnosis in the Higher Forms of Hellenistic Religion".(N.E.)

2 Veja, especialmente, de Reitzenstein, *Die hellenistischen Mysterienreligionen* (Leipzig, 1910), ao qual sou muito agradecido. De longe, o melhor trabalho sobre as fontes, ou material pré-cristão, da gnosis cristianizada, de um ponto de vista da história religiosa, é a obra de Bousset, *Hauptprobleme der Gnosis* (Göttingen, 1907), que foi resumido em seu artigo sobre 'Gnosticismo', na 1ª edição da *Encyclopedia Britannica*. Com relação à influência das religiões orientais sobre o paganismo romano, veja a obra de Cumont, *Les Religions Orientales dans le Paganisme Romain* (2ª ed. revis., Paris, 1909). (NA)

3 Filosofia significa 'amor à sabedoria', mas, para o senso comum da atualidade, muitas vezes é definida como um sistema de conceitos intelectuais sobre a realidade. (N.E.)

4 *Die Offenbarung in Gnosticismus* (Göttingen. 1901).

5 Piedosos são aqui denominados os cristãos ortodoxos que, criticando os Gnósticos, assim poderiam se auto-intitular. (N.E.)

6 Theodotus foi o mestre Gnóstico de Clemente. Este livro é uma coletânea de seus ensinamentos na Síria. No Egito foi conhecido como Panteno. A obra 'Stromatas', de Clemente de Alexandria, também contém os ensinamentos do seu instrutor. (N.E.)

7 Aquela justa, clara e apropriada percepção do que realmente é 'fé' e que a verdadeira Gnosis proporciona. (N.E.)

8 Devoção como comunhão com a Divindade que está em nós. (N.E.)

9 *Corpus Hermeticum* é um conjunto de textos da tradição hermética. Daqui em diante será abreviado como C.H., seguido do indicador do volume do texto. (N.E.)

10 *Sermão Perfeito* é outro texto da tradição hermética. (N.E.)

11 Para os Pitagóricos, a mônada (manas) é o um indivisível. Sentido semelhante encontramos na Mônada/água de Leibniz. (N.E.)

12 Philo, o Judeu, que viveu em Alexandria entre os séc. I a.C. e I d.C. escreveu inúmeras obras, entre as quais A Vida Contemplativa, onde aborda os terapeutas - nome pelo qual são designados os grupos de tradição essênica no Egito. (N.E.)

13 Para esta última frase adotei as emendas e complementações de Reitzenstein, pois o texto recebido estava muito corrompido. (N.A.)

14 O 'daemon' na tradição helenística. (N.A.)

15 Illuminati, termo que designa os filósofos do Fogo, que buscam a Iluminação espiritual. (N.E.)

16 Os Naassenos são os mesmos Ophitas, os primeiros Gnósticos. (N.E.)

17 Refutation, V. 8. (N.A.)

18 Soteriologia: parte da teologia que trata da salvação da alma. (N.E.)

19 Hipólito, Refutation, V. 10. (NA)

20 Oração, VII, de Juliano, o Imperador romano, séc. IV d.C. (N.E.)

21 Isto é referido no Budismo Mahayana como Prajnã, a reta percepção ou cognição pura - direta e não conceitual. (N.E.)

22 Veja Berthelot, Les Alchemistes grecs, pp. 229 fi. (N.A.)

23 Veja-se, por exemplo, os textos de Isabel Cooper-Oakley (Ed.Pensamento). (N.E.)

do livro “**A Gnosis Primitiva do Cristianismo**” de **G. R. S. Mead**,

tradução do **Núcleo Lux, Centro Pistis Sophia**: Raul Branco, Jane Dullius, A. B. Souza, Edilson Pedrosa, Maria Luiza S. Mousinho e Eliane Santos